



## Divagando

A' Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Maria da Estrela A. Ribeiro

É muito antigo o espelho do meu quarto, em que eu vejo todos os meus movimentos. É o meu espia e o meu amigo, um amigo brincalhão, trocista, imitador.

Quantas vezes, eu oiço as minhas gargalhadas elevarem-se, crescerem, redobram-se em notas cristalinas e opacas, defronte dele?

Outras, é com cinismo, num gargalhar trocista, que eu o fito obstinadamente, num desafio. Sim, é a minha vingança. Ele não sabe rir, nem falar, quer franca ou unicamente; somente imita as minhas caretas, o contrair e o distender dos meus traços fisionómicos.

Mas, mesmo assim, eu gosto dele. Nunca me sinto só quando o fito, e muitas vezes gosto de ler, nessa chapa brilhante e incolor, a minha própria fisionomia.

Ele retribui-me a amizade que lhe dedico — não gosta de me ver zangada.

Quando isto sucede e eu o olho, talvez mais rispidamente, ele faz-me ver o meu mau génio e... faz-me rir. Um riso aberto, franco, que desfaz a má disposição que sinto.

Por tudo isto, eu gosto do meu espelho.

E hoje, que eu sinto em mim aquela tristeza que me envolve e cresce desmedidamente, eu tenho necessidade da sua companhia silenciosa.

Venho para junto dele e as minhas mãos, ávidas de carinho, correm por sobre a superfície polida e gélida, num afago amigo.

Sento-me na sua frente, e mergulho o meu olhar ensombrado, na transparência do polido que me fascina.

Depois... Por momentos, eu vi uma nuvem azulada, de forma indefinida, aparecer no meu espelho. Começou a crescer, a definir-se, a tomar cor — é a escuridão. Agora, move-se lentamente, com custo, para acabar a percorrer, em passadas largas, o interior do meu quarto.

Os minutos continuam a passar, no seu andar cadenciado, e eu sinto os seus passos leves percorrendo a longa estrada do dia. Anoitece. Pela janela aberta, a claridade já deixou de entrar, como que a querer pôr ponto final no meu longo devaneio.

Mas não; eu continuo a fitar, obstinadamente, a superfície polida e gélida do meu espelho, por sobre o qual deslizam, silenciosas, lágrimas fugitivas que os meus olhos cansados desprenderam, num abandono nostálgico.

Tavira, Março de 1950.

Jarmila Baptista

## União Comercial Tavirense, L.<sup>da</sup>

Faz-se publico que por escritura de 2 do corrente mês e ano, lavrada a fol. 7 e seguintes do L.<sup>o</sup> de notas do notario do concelho de Tavira, Bel. Arnaldo Palermo de Mendonça, N.<sup>o</sup> 48 A, José Diogo Cavaco cedeu a sua quota a Manuel Fernandes Paraizo, que assim ficou com todos os direitos e obrigações que aquele tinha na supra citada sociedade.

Tavira, 14 de Março de 1950.

O Ajudante do cartorio

José António Molarinho Júnior

**CARLOS PICOITO**

ADVOGADO

Avenida da Republica, 120-122

TELEFONE 128

FARO

Consultas em Tavira, às quintas-feiras, no escritório do sellistador Carmo Peres

## Impressões duma Viagem — (XIII)

# Carta ao Leitor

DESDE os tormentosos dias da guerra civil ou internacional de Espanha que em mim começou a criar volume a ideia de um dia visitar Toledo.

Das lutas sangrentas que durante três prolongados anos retalharam a vizinha Espanha e dividiram os espanhóis, foi o «Alcazar» da mártir Toledo que mais fez ecoar por todo o Mundo um brado de piedade.

Os cadetes de Toledo ou os «meninos» de Toledo, com seus feitos, criaram um nome e uma epopeia, que, quem quer que visite a Espanha, logo se lhe impõe a obrigação de ir ver as gloriosas ruínas desse tão destemido baluarte — a velha Academia de Infantaria.

Não podia eu, pois, como visitante às terras vizinhas, deixar de satisfazer essa antiga vontade.

Madrid-Atocha a Toledo são noventa e um quilómetros. Tomo lugar num excelente salão de terceira classe sobre «bogies». Tem nove cabines, assentos e encostos estofados, dois espelhos em cada compartimento, ampla retrete com espelho e bacia de mãos; largo corredor com grandes caixilhos accionados por meio de manivela de metal amarelo, e reparo que se trata da C.C.5013, de 41.700 quilos de tara, e foi construída nas oficinas de—M. M. Y. C.—Carde y Escoriaza—Zaragoza. É de facto, uma moderníssima carruagem de bom gosto e melhor cómodo.

Porém, para refrear as liberdades do espanhol na sua maneira de viajar, há nas plataformas uns significativos avisos: «A Renfe espera da cultura dos passageiros a necessária compreensão para conservar em perfeito estado os coches.

«O que, esquecendo estes elementares deveres de convivência social, de fraude essa confiança, sofrerá a correspondente sanção».

Selecta e cosmopolita afluência de passageiros no salão a caminho de Toledo. Uns, de binóculos; outros, de livros-guias; todos vão desejosos de verem o rescaldo do grande Calvário-Espanhol.

Adoçando o ambiente, não pode deixar de aparecer o «virus» de Espanha—a pediniche. No entanto, entre a mais repelente e fastidiosa, um mocetão forte, de voz vibrante e bem timbrada, canta lindas árias que causam excelente impressão. Colhe bastos proventos pelo seu officio de excelente cantor ambulante.

Duas horas dura a viagem. Chego á estação de Toledo, onde tomo a camioneta para a cidade. A estação é bem linda, por sinal. Azulejos, lindos tectos, difíceis trabalhos de talha, uma imponente torre de relógio, cinco portas ovais na frontaria, colunas de pedra. Todo o edificio em pedra talhada, luxuosa cantina, e, sobretudo, notando-se tal asseio, que, pela própria gare, alguns escarreadores atestam quanto rigorosa é a observância deste higiénico preceito. Pequenos jardins circundam o largo da estação; e, numa curiosíssima corrida de uns três quilómetros até ao cimo do cerro onde está assente a cidade, a camioneta serpenteia um pouco o nosso rio Tejo, que ali corre abundante e terroso. Passamos a Ponte de Alcantara; mais além, está a de San Martin. No alto, a cidade; em baixo, corre e forma várias quedas de água o rio, que um espanhol que segue a meu lado me diz ser o Tarro — o rio que passa em Lisboa, acentua para melhor o compreender.

Na típica Plaza de Zocodover é a estação onde pára a camioneta. Desço. Percorro a cidade, que tem movimento. Ruas muito estreitas formam um centro quase labiríntico. Fisionomia antiquíssima. Das «Portas do Sol», o panorama é vasto e lindíssimo. A Catedral tem beleza, magestade, e os quadros a óleo que se lhe observam são au-

tênticas maravilhas, mormente a cena dos anjos na sua celestial orquestra, que enriquece o zimbório do templo. A torre da Catedral, vista da estreita Calle de Santa Isabel aparece-nos como numa visão de sonho, com as suas colunatas a circundar o alto corre da artística e quadrada Torre.

Em vários estabelecimentos, os característicos canivetes de ponta e mola, muito enfeitados, muito bonitos, mas... a preços excessivamente explorativos para quem se apresente como turista, certamente. O asseio das estreitas ruas ressumando humidade não está á altura da sua fama turística; e, na água para beber, que, no café da bela praça Zocodover, um severo criado me deu, constatei que ela é ruim e barrenta—ou o «amável» criado não foi de facto bem-criado!

Seguindo-se pelo lado esquerdo da citada Praça, na sua correnteza, ao cimo, fica-nos o Alcazar, que logo o cognomino de—Escola do Heroísmo Militar Espanhol.

As suas circunvizinhanças gozavam ainda abundante sangue da terrível guerra: ruínas e prédios esburacados pela metralha. Mas, o que mais me dilacera a alma, é o dominante baluarte de força e resistência, que foi «El Alcazar», com as suas possantíssimas quatro torres em cada canto do velho edificio, jazer inerte, retorcido, fragmentado, sem vida... chorando aos olhos da piedade humana a sua desdita, por que irmãos desavindos assim o deixaram.

Espero a hora de entrada nas mártires ruínas. E, como tudo serve para a exploração comercial, duas são as pesetas que pago para ver o que realmente é digno de ver-se.

Um cicerone vai-me cantando a sua já crónica ladainha. Desçamos aos subterrâneos fortemente abobadados.

Na semi-escuridão que envolve todo o sepulcral claustro, sinto um frio penetrante percorrer-me a espinha dorsal. Lápides em mármore por todos os lados com inscrições de saudade e de patriotismo. O cicerone diz me serem os nomes dos defensores do valente Alcazar, que nele perderam a vida. Os vastos claustros foram a salvação dos defensores. Neles importaram todas as arremetidas dos adversários; á espingarda, metralhadora, canhões, aviação e minas subterrâneas.

Na improvisação dos sitiados, para suportarem um assédio de setenta dias, houve que jogar mão, além de outros meios, de um forno para coser pão e de uma camata para uma miserável enfermaria.

O forno lá está ao lado esquerdo, quando se entra, de tijolo, toscamente feito, mantendo-se na porta a pá.

A enfermaria restringe-se a uma escassa dúzia de enxergas de palha, estendidas no chão, uma tosca «marquesa» para as operações, um escarrador; e, como a luz solar era deficiente, pendurados estão uns rústicos candeeiros de pavo, que eram alumdiados com o sebo dos cavalos que os sitiados abatiam. Ao fundo, uma pequena capela.

Uma «moto» fazia moer o trigo para amassar o pão. Este era quase preto e granuloso—da da grossura da farinha. Uns aparelhos especiais serviam para o contacto directo com o nosso Rádio Clube Português — a alma heróica de todos os valentes, que dia a dia, hora a hora, iam morrendo conjuntamente com o derruir da fortaleza.

No recanto duma estreita abóbada, há um pequeno balcão de alvenaria. Está coberto de palhas. Nas palhinhas, duas recolhidas mulheres deram á luz quando o bombardeamento era mais intenso e o «Alcazar» caía aos bocados.

Há nos subterrâneos um mu-

## Prosas Românticas

O Campo. Uma Mulher. A noite.

O meu amor pelo campo nasceu quando a experiência da vida me ensinou que a maior parte das cidades e das suas gentes são falsas e materiais. No campo, pelo contrário, desde o ar balsâmico e reconfortante, ao misticismo do seu ambiente e á sua boa gente; tudo é verdadeiro e espiritual, tudo nos fala sinceramente e tem um conceito perfeito da justiça, do bem e da honra.

\*\*\*

Foi por isso que eu troquei a cidade pelo campo nessa admirável tarde estival. E pus-me a haurir o belo ar campestre a pleos pulmões, quando por mim passou uma mulher, mulher que nada tinha de comum com essas bonecas a dançar sobre dois tações de dez e mais centímetros de altura e espartilhadas, mas que era o protótipo da mulher lusitana, forte, sã, faces naturalmente rosadas, andar decidido, gestos francos e sorriso alegre e optimista, olhando a vida optimista e confiante.

\*\*\*

Mas desapareceu célere sem que me deixasse apreciá-la como merecia. Entretanto, anoitecia. Lá das bandas do Oriente estendia-se um manto negro, constelado de miríades de pontos prateados, e eu tive de voltar á cidade, á vida artificial e fictícia da sociedade, cheia de convencionalismos e de hipocrisias e de meninas rosadas, não mercê dos ares dos pinhais e eucaliptos, mas dos institutos de beleza.

Ademar Saavedra

## Publicações Recebidas

### A Vida Rural no Romance Português

pelo Dr. António Alvaro Dória

Por amável oferta da Junta Central das Casas do Povo, recebemos dois exemplares do livro intitulado «A Vida Rural no Romance Português», da autoria do sr. Dr. António Alvaro Dória.

Trata-se de um amplo estudo de 400 páginas, — o primeiro no seu género, — sobre a maneira por que os romancistas portugueses dos séculos XIX e XX descreveram os principais aspectos da vida rural. O Autor dedicou-se, porém, a analisar especialmente os textos que se referem aos assuntos seguintes: o homem e o meio; vestuário e habitação; o trabalho; superstições, crenças e usanças; a linguagem; festas e divertimentos. Num capítulo de conclusão, o sr. Dr. António Alvaro Dória aconselha todos «quantos escrevem: jornalistas, ensaístas, poetas, novelistas e, mais que todos, romancistas» a considerar na «vida rural portuguesa, tão variada e tão pitoresca», um vasto campo para a escolha de temas e uma escola de virtudes nacionais.

Este livro será, portanto, um valioso elemento de consulta para todos os romancistas que em 1950 pretendam concorrer aos valiosos prémios literários da Junta Central das Casas do Povo.

Vamos entregar um exemplar ao nosso crítico literário, e em breve publicaremos, com justiça, uma desenvolvida recensão a esta obra de tão elevados méritos. Limitamo-nos, por hoje, a registar e agradecer a gentilíssima oferta da Junta Central das Casas do Povo.

### Todo o bom nacionalista deve assinar o jornal «Povo Algarvio».

seu, expondo todos os utensílios usados no tempo do assédio; e, até uma artística e grandiosa maquete diz-nos o que foi o «Alcazar» antes de arruinado.

Tudo é histórico, tudo é muito curioso, e todos os objectos expostos falam nos claro de tudo quanto os heróis do «Alcazar» fizeram, passaram e sofreram.

E, além da história, entram já, na fé religiosa, as mártires duas mães que, desamparadas de todo o conforto, em cima das milagrosas palhinhas deram á luz os seus benditos filhinhos.

E aqui tens, meu caro Leitor, uma rápida parte do que me foi dado ver e observar em Toledo. Na próxima carta contar-te-ei mais alguns pormenores.

Barreiro, 8 de Março de 1950

Pedro de Freitas

# FUTEBOL

Olhanense, 6 — Elvas, 3

O Olhanense regressou a casa no passado domingo, para receber o Elvas, adversário de relativa categoria e que se apresentou, em campo, decidido a defender-se da zona inferior da classificação geral, á qual vem tentando fugir, a todo o transe.

A linha dianteira dos nossos vizinhos de oeste revelou merecer inteiramente o lugar honroso, em que se collocou neste campeonato, com desenhos técnicos do melhor que actualmente se está produzindo entre nós, inclusive em equipas da primeira plana. Não é, de modo algum, facciosismo, afirmar e provar que os dianteiros de Olhão não temem comparações com quaisquer outros, seleccionados... ou seleccionáveis. A inferioridade do «team», se é que existe, está, antes, na sua linha defensiva (o contrário do que sucede em Vila Real) e, de certo modo, na infelicidade que o tem vindo a perseguir.

Em ultima análise, somos em dizer que os olhanenses se podem orgulhar da sua forma actual, principalmente, se os cotejarmos com equipas de maior possibilidade e de maior responsabilidade (haja vista, por exemplo, o F. C. P.), não esquecendo que a veteranaria da maior parte dos seus elementos titulares é senão importante, a diminuí-los.

O que mais chama a atenção do crítico ou espectador imparcial é a forma porque se faz o passe e se despacha a bola. Sem incorrerem em modas, ou-samos dizer que a técnica argentina está fazendo escola, principalmente em João da Palma, já de si um «virtuoso» da bola, quando pode e quer.

O Elvas deu réplica firme, na quase totalidade do encontro, nunca acusando em demasia a desvantagem do marcador e apresentou esquemas de classe, que convenceram. Massano e Patalino classificaram-se bem, na estimativa geral, podendo afirmar-se que se nivelaram com Cabrita, este, em tarde de mediocres realizações. No entanto, não queremos deixar de recordar que «pelo dedo se conhece o gigante» e Cabrita, se bem que em esporádicas jogadas, impôs o sêlo da sua categoria internacional em duas ou três bolas de profundidade com que serviu João da Palma.

O pior de todos, na linha local, foi, de longe, Joaquim Paulo, a revelar imenso o destreino e, talvez, a má constituição física.

Eminência e os mais companheiros da avançada deram uma boa tarde, se bem que, a nosso ver, a acusar muito as viagens por fora de casa.

A defesa tem condições para se impor, se conseguir entender-se melhor (o seu maior escolho actual). O defesa central, por exemplo, quando despreocupado dos demais, é francamente bom na intercepção, o que faz com decisão e autoridade convincentes.

Abraão, na realidade, um bom guardião, não consegue dominar os nervos, principalmente quando sofre um golo inesperado, que o descontrola em absoluto. Francamente, para a sua veteranaria, este facto é um pouco incongruente!

Arbitragem óptima, que merece inúmeros elogios da nossa parte:— Autoridade, imparcialidade, conhecimentos e muita honestidade, eis as virtudes que o juiz de campo evidenciou e pelas quais merece este parágrafo de justo louvor e gratidão.

A terminar, não queremos deixar de expressar, aqui, todo o nosso pesar e toda a nossa reprovação, se for confirmada a local inserta na grande imprensa, na qual se afirma ter o Elvas protestado o jogo, baseado na ilegalidade da interrupção do encontro, enquanto o corpo do malogrado sargento Eleutério atravessava o peão do lado do Sol. Não sabemos se, «de jure», estará previsto, na legislação, o caso muito raro, que sucedeu em Olhão. De qualquer modo, o que está previsto em todas as consciências e em todas as morais, por mais rudimentares que sejam, é o respeito pelos mortos. Não era, já, um homem que atravessava o campo, mas o que restava d'ele, falecido que fora no mesmo campo. Para mais, o jogo não foi interrompido, com a bola em campo, mas com ela fora. Se nos lembrarmos de que, no final do encontro, se descontou o tempo perdido, não vemos onde ou como teria o Elvas sido prejudicado! É caso para se invocar o adágio: «Delculpas de mau pagador»...

R. C.

**DOMINGO, 19**

Em Vila Real de Santo António

Lusitano-Académica

Na Govilhã

Covilhã - Olhanense

## Informações

Encontra-se no Algarve a Brigada Técnica do Hospital-Colónia Rovisco Pais, a qual visitará Tavira esta semana.

# O Corporativismo Português

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

seu aparecimento providencial, na cena pública do Governo Português, bastou para que se dissipassem todas as dúvidas e para que o impossível se tornasse em realidade. Desde a sua entrada para o Governo da Nação, tudo se transformou em Portugal, todo foi posto no seu devido lugar. Mas se quiséssemos penetrar no segredo desta obra gigantesca; se quisermos chegar a apreciar devidamente os seus maravilhosos resultados, teremos de examinar as doutrinas salvadoras que Salazar implantou entre nós, essas doutrinas que são a causa de todas as nossas grandezas presentes e futuras. O Corporativismo Português, com todas as suas realidades e com todas as suas instituições, bem merece toda a nossa atenção, como merece igualmente a atenção de todos os homens civilizados, de todos os dirigentes dos grandes povos.

As doutrinas corporativas portuguesas são realmente portuguesas, são autenticamente portuguesas, são genuinamente portuguesas. Dizemos isto de entrada, para evitar qualquer equívoco que se poderia seguir ao tentar julgá-las pelos conhecimentos adquiridos noutras doutrinas que se disseram corporativas, mas que são totalmente diferentes das nossas. As doutrinas corporativas portuguesas tomaram como base a doutrina evangélica, nada havendo nelas que seja contrário ao espírito dessas doutrinas típicas do mundo espiritualista. Mais ainda: as nossas doutrinas podem prezar-se de serem a aplicação mais bela de todos esses princípios às grandes e graves necessidades dos tempos em que vivemos, sendo por meio delas que, em Portugal, se resolveram, da forma mais equitativa, todos os delicados problemas que atormentam o Mundo e que são a causa profunda de todo o mal-estar que notamos em tantos povos amantes da nossa Civilização.

O génio português soube aproveitar tudo quanto havia de mais belo na evolução da idade espiritualista através dos tempos, assim como os ensinamentos contidos nas inclicadas papais que dizem respeito aos problemas da actualidade nacional e internacional. Mas foi só isto? Não; temos ainda mais. As nossas doutrinas merecem indiscutivelmente o nome de doutrinas portuguesas, porque Salazar soube ir até ao mais fundo das nossas tradições multi-seculares, fazendo com que o espírito português aparecesse de novo em todo o seu esplendor e magnificência. Não exageramos nada se dissermos que as doutrinas corporativas portuguesas são a maior glória da nossa Pátria, não só pelos resultados que já deram e estão para dar, mas também por terem sido suficientes para ressuscitar todas as virtudes da nossa Raça, todas essas virtudes que os inimigos de Portugal já consideravam como mortas, ou como inteiramente banidas do solo português. Bom seria que todos quantos nos prezamos de filhos dedicados da Nação Lusa nos dessemos conta cabal destas importantes verdades, tirando delas as normas que nos devem servir para a nossa conduta em todos os momentos da nossa vida. O essencial já está feito; agora só é necessário que saibamos corresponder a tantos favores como a Providência nos tem prodigado nestes últimos tempos. Se tal não fizessemos, seríamos indignos do nome que levamos, porque a nossa atitude seria inteiramente imperdoável. Mas sabemos bem que tal não sucedeu, que tal não sucederá, porque hoje mais do que nunca estamos todos unidos em volta dos nossos Chefes, não permitindo que nenhum traidor seja capaz de prejudicar esta união sagrada, feita para bem de todos os portugueses, feita para o engrandecimento e glorificação da nossa Pátria tão amada.

que das mesmas podemos esperar. Por meio do Corporativismo Português foi implantado em Portugal o reinado da paz, da ordem social, da mais perfeita tranquilidade; por meio do Corporativismo Português foram resolvidos todos os grandes problemas nacionais, tendo assim a Nação enveredado por caminhos antes inteiramente desconhecidos, por caminhos de glória e de honra nacional; por meio do Corporativismo Português temos, entre nós, a aplicação da verdadeira justiça, mas não duma justiça dura e austera que não distingue o justificado, mas sim duma justiça cheia de caridade para com todos os que desejam continuar a ser membros úteis da Pátria Portuguesa.

Portugal é hoje um país legitimamente invejado pelos outros povos, que ainda não compreenderam bem a revolução que se operou entre nós, essa revolução pacífica ordeira, talvez a maior e mais bela revolução dos nossos dias. Verdade é que as nossas doutrinas já abriram caminho pelo Mundo inteiro, mas ainda não são suficientemente conhecidas, nem foi ainda bem experimentada a sua eficácia. Parece que os povos ainda se esforçam por continuar a aplicar doutrinas que não podem resolver os problemas, por serem inteiramente desproporcionadas ao fim que se pretende. Mas o exemplo português aí está, nobre e belo, para todos os que o desejarem seguir para bem da Humanidade, para a salvação da Civilização.

Toulouse (Haute Garonne) 7 de Março de 1950.

Braz dos Reis

## «Os meus Calendários Perpétuos»

Subordinada a este título, realizou António Cabreira a sua anunciada comunicação, na Sociedade de Geografia, sessão de 6 do corrente, em que expôs a história, a técnica e o alcance dos Calendários Solar, Lunar e Luni-solsticial, da sua autoria; os dois primeiros com as horas e alturas das marés e as datas das festas móveis, — únicos no género —; e o terceiro mais perfeito que os propostos à Sociedade das Nações para constituir o Calendário fixo. Tais Calendários constam de tábuas e esquemas algébricos, os quais estabelecem a equivalência entre os sistemas jubiano, gregoriano republicano moslémico e judaico, havendo a Academia das Ciências de Paris e o Clube Militar Naval publicado, respectivamente, parte do segundo e o terceiro. Como recompensa, o autor recebeu; com dispensa de selos e emolumentos, a comenda de S. Tiago da Espada e as respectivas graduações e honras militares; o grau de doutor *honoris causa* da Universidade de Lovaina; uma medalha da Universidade de Amsterdão, a incumbência de representar a Universidade de Salamanca no V Centenário daquela, e por cujo exercício o louvou; e o testemunho de excepcional apreço, em sessão da Universidade de Coimbra, sendo os mesmos Calendários ainda citados com elogio pelos sábios astrónomos Vice-Almirante Isaias Newton, antigo Director e Professor da Escola Naval, no «Cálculo Náutico»; e académico Capitão de Mar e Guerra Abel Fontoura, Professor da mesma Escola, na conferência aí realizada com o título «Reforma do Calendário», e pelo ilustre matemático Coronel de Engenharia Dr. Fernando de Vasconcelos, Professor da Universidade Técnica, na «História das Matemáticas». Estando esgotadas as edições desses trabalhos, António Cabreira reúne-os agora em colectânea para ser publicada no «Boletim» da Sociedade.

As suas primeiras palavras foram de agradecimento pelas palavras penhorantes com que foi apresentado à Assembleia e de perfeita homenagem ao Presidente, sr. Prof. Dr. Moreira Júnior, que, sendo Ministro da Marinha, fundou a Escola Colonial, continuadora do Curso Colonial, da iniciativa de António Cabreira, e «que, pela sua obra fecunda e bem arquitetada e pelo seu espírito moderno, marcou, como forma inicial e modelar do ensino regular e completo das ciências coloniais em Portugal, constituindo, portanto, o digno predecessor da actual Escola Superior Colonial», no dizer do sr. Dr. António de Almeida, Professor desta Escola; testemunho confirmado pelo sr. Dr. Michael, Professor da Universidade de Londres.

O orador foi calorosamente ovacionado.

Este número foi visado pela Delegação de Censura.

# A Banda de Tavira

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

plina, bem fardada e dispondo dum núcleo artístico capaz de dar bons concertos públicos semanais, é necessário que haja dinheiro.

No regime em que a Banda vem vivendo há 2 anos, para poder manter-se, necessita, além do subsídio municipal e da quotização, de realizar anualmente festas, nas quais obtenha receita para pagar ao regente.

Dada a diminuição de receita que se constata, a Banda não pode manter-se; e, nesta conformidade, a Comissão Directiva vai enviar circulares a algumas pessoas, solicitando a sua inscrição.

Esperamos que todos se compenem da falta que faz à cidade a Banda de Música e auxiliem a sua manutenção, pois, de contrário, ela sossobrará.

E' bom lembrar que, além de concertos públicos que a Banda dá no jardim, também é indispensável em todas as manifestações religiosas, pois sem ela seria impossível realizarem-se procissões.

Também é bom lembrar que as últimas manifestações artísticas levadas a efeito pela Sociedade Orfónica, pelo Clube Recreativo e pelo Colégio Tavirense, que o público tanto apreciou, são fruto da existência da Banda de Tavira, porque sem ela nada disso seria possível.

E' dever que se impõe auxiliar a primeira organização artística da cidade.

Os clubes locais, sociedades recreativas, etc.; todos lhe devem prestar o seu auxílio porque a Banda é de todos e precisa que todos a acarinhem.

As circulares vão ser distribuídas; e, ou a cidade corresponde, ou a Banda acaba, eis o triste dilema que se depara.

As condições de vida modificaram-se e os executantes não podem de forma alguma receber actualmente o mesmo que há 20 anos.

Todas as pessoas a quem por esquecimento não sejam enviadas circulares, mas que desejem inscrever-se como sócios da Banda, poderão dirigir-se directamente à Comissão.

Desde que o público não corresponda duma forma concisa e rápida ao apelo que lhe é feito pela Comissão da Banda, possivelmente ela já não poderá abri-lhantar as próximas festas da Semana Santa, gratuitamente; e, sem este poderoso auxílio, elas certamente não se realizarão, pois todos nós conhecemos as dificuldades com que se luta para realizações desta natureza.

## Rádio - Reparações

Serviço honesto, eficiente e rápido

PREÇOS MÓDICOS

## Rádio Reparadora do Sul

— OLHÃO —

## APYROL

As numerosas aplicações deste produto entre as quais se destacam:

Eficiência notável contra as queimaduras, cieiro, frieiras, furúnculos, dores nerválgicas e reumáticas, contusões, golpes e feridas, tornando-se indispensável para ser usado antes e depois de barbear.

O APYROL foi premiado com Medalha de Ouro na Exposição Industrial Portuguesa de 1933.

A' venda em todas as farmácias e boas drograrias.

Fornecedores para o Algarve e Baixo Alentejo:

Empresa do Sul de Produtos Químicos — F.A.R.O

# Os Grandes Homens

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

ca, que produzindo a exaltação das concepções imaginárias e influenciando o juízo nos entes que não chegaram ainda ao equilíbrio da razão.

Mas a actual raça humana compõe-se de alguns homens e de um enorme número de entes mixtos que participam um pouco do homem e muito do orangotango ou do gorila.

E as criações da Natureza são progressivas na sucessão das espécies e das raças; e as espécies crescem e decrescem como os impérios e os indivíduos. Todos os povos que brilharam, começam progressivamente a apagar-se e a humanidade inteira terá a morte das nações que desapareceram. Quando os homens meio animais tiverem desaparecido no proximo cataclismo, aparecerá, sem dúvida, uma nova raça de entes sábios e fortes, que serão para a nossa espécie o que nós somos para a dos macacos.

Só então as almas serão verdadeiramente imortais, porque se tornarão dignas e capazes de compreender a Vida.

E um grande artista, um grande sábio, um grande filósofo, é, em geral, um homem de tipo comum com um dos seus aspectos extraordinariamente desenvolvido. O génio é comparável a um tumor que se desenvolve num organismo normal. Estes seres desequilibrados são, em geral, infelizes. Mas produzem grandes obras, das quais toda a sociedade beneficia. A sua desarmonia gera o progresso da civilização. A Humanidade jamais ganhou nada pelo esforço da multidão. E' a paixão de alguns indivíduos, a chama da sua inteligência, o seu ideal de ciência, de caridade e de beleza que a fazem progredir.

Mas o talento não basta para merecer o amor. E' preciso para se ser verdadeiramente um grande homem, ter, além do talento, a abnegação, ter o entusiasmo sagrado de uma ideia, o esquecimento da própria personalidade, o espírito da dedicação, espírito de sacrifício. Ora, quem não tem, pelo menos, um destes predicados é, quando muito, um pretendente a grande homem.

Morrer em lugar de um outro, eis o sacrifício sublime, — eis o Grande Homem. Matar o outro para não morrer, eis o sacrifício impio.

O Grande Homem é aquele que descobriu uma lei real, e que, por conseguinte, possui uma força invencível de acção e direcção. Pode morrer na obra; mas o que ele quis realiza-se, apesar da sua morte e, muitas vezes, mesmo por causa da morte; porque a sua morte é uma

## Pierre-Antoine Quillard

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

liet que dava para a banda do mar», e onde compôs um trabalho inspirado no «Lançamento às águas do Tejo da Nau «Lampadaria», que mandou oferecer ao Rei D. João V—obra valiosa que «lhe valeu a nomeação de pintor régio, com a pensão de 80 piastras por mês e desenhador da Academia, lugar honroso e muito cobiçado.

Quando Quillard chegou a Lisboa, devia-se ter ido instalar nesse prédio da Travessa dos Algarves, onde aí recebeu a visita do companheiro de bordo, o sábio suíço Merveilleux, de Neuchatel, para o pintor colaborar com ilustrações num projecto de uma História Natural que não chegou a realizar-se.

Quillard devia ter vivido na travessa dos Algarves, relativamente, pouco tempo, visto que nos documentos de paroquianos não aparece o seu nome.

E' este caso curioso, por ter o pintor escolhido—ou sido indicada—esta artéria para instalar os seus modestos aposentos e oficina de pintura.

Por este motivo, está simbolicamente ligado ao Algarve.

Luís Bonifácio

verdadeira assunção para a Imortalidade.

Quando me elevar da Terra, dizia o maior dos Iniciadores—Jesus—, arrastarei tudo após mim.

O Grande Homem é aquele que chega a tempo e que sabe inovar o propósito. Emfim, um amor sem egoísmo, todo feito de renuncia e dedicação...

Viver nos outros, com os outros e pelos outros, eis o segredo da caridade e é o da vida eterna. E' também o da eterna juventude. Se não vos tornardes semelhantes ás crianças, dizia o Mestre, não entrareis no Reino dos Céus.

Amar é viver naqueles que a gente ama, é pensar seus pensamentos, adivinhar seus desejos, partilhar suas afeições; quanto mais a gente ama, mais aumenta a própria vida. O homem que ama não está mais só e a sua existência multiplica-se: chama-se família, pátria, humanidade. Balbucia e brinca com as crianças, apaixonase com a mocidade, raciocina com a idade madura e estende as mãos á velhice.

Devotarmo-nos ao nosso semelhante, consolarmos os que sofrem, fazermos quanto bem nos for possível — eis a maior ventura dos Grandes Homens.

E o que importa na vida é o seu lado moral. Ora, por modesta e obscura que haja sido a existência de alguém na Terra, se amou sinceramente e foi sinceramente amado, a morte nada tem que fazer com ele. Continuará perdurando no convívio espiritual e na íntima ternura dos que o amavam, e a gozar por sua parte a delícia incomparável de sentimentos extremos correspondidos.

Porque os grandes não são Grandes, senão quando são bons; e que enorme privilégio para um homem obscuro o ele conservar a sua independência, e poder eventualmente dizer ao mundo o que julga dele na esperança de contribuir, embora, um tudonada para a sua correcção!...

Damião de Vasconcellos

# Pela Província

## Cabanas

Os columbofilos cabanenses estão em festa pelo motivo de iniciarem a sua campanha desportiva de 1950 no dia 19 de Março.

Okalá que a campanha tenha o máximo brilho desportivo, e que os incansáveis columbofilos tenham as vitórias que merecem pelo grande esforço e boa vontade que têm feito pela organização do seu grupo.

Finalmente, vão ser postos à prova os excelentes pombos que o Grupo Columbofilo das Cabanas dispõe. Os concursos oficiais vão iniciar-se, sendo o primeiro no dia 26 do corrente, com partida da Funcheira, um raio de 100 quilómetros, sendo classificados os primeiros cinco pombos com valiosos prémios.

Este grupo também tomará parte na grande solta internacional de Madrid, que se realizará no dia 21 de Maio.

Para este grande concurso, haverá, valiosos prémios, tendo o Grupo Columbofilo solicitado também uma taça ao nosso jornal.

Fazemos votos pelas prosperidades do Grupo Columbofilo Cabanense, à frente do qual se encontram os srs. Zaccarias das Chagas, José das Chagas e Victorino Eugénio da Conceição.

Damos a seguir o mapa com as datas dos concursos marcados, localidades e distâncias.

DATAS		Localidades	Distância
Entregas	Horas		
Março	18 19	Loulé	88
»	25 26	Funcheira	100
Abril	1 2	Beja	114
»	8 9	Lagos	96
»	15 16	E'vora	182
»	22 23	Grandola	189
»	29 30	Moura	115
Maio	5 7	Coimbra	852
»	13 14	Odemira	93
»	17 21	Madride	595
»	26 28	Portalegre	242
Junho	2 4	Castelo Branco	801
»	10 11	Cuba	115
»	15 18	Viana do Castelo	580
»	24 25	Casa Branca	154
»	29 2	Gaia	459
Julho	7 9	Santarém	256
»	15 16	Loulé	88
»	22 23	Silves	65
»	29 30	Beja	114

Assine o «Povo Algarvio»

## Redução das passagens para a VENEZUELA !!!

Lisboa-Caracas .....	Esc. 13.651\$00
Lisboa-Curaçau .....	Esc. 13.651\$00
Lisboa-Aruba .....	Esc. 13.651\$00
Lisboa-Barranquilha .....	Esc. 14.428\$50
Lisboa-Maracaibo .....	Esc. 14.428\$50

incluindo Imposto de Selo e Taxa de Aeroporto.

Para mais informações e marcação de lugares queiram dirigir-se às principais Agências de Viagens.

Uma boa notícia.....

A KLM com mais de trinta anos de existência, é a única Companhia filiada na IATA (Associação Internacional de Transportes Aéreos) a explorar carreiras aéreas directas entre Portugal e Venezuela, o que garante aos passageiros uma viagem rápida, segura e confortável, sem o incómodo de transbordos. Deliciosas refeições servidas gratuitamente a bordo dos aviões. Cuidada assistência aos passageiros. Aviões quadrimotores modernos e potentes Douglas DC-6.



Já V. Ex.<sup>as</sup> provaram o vinho da marca  
**NAMORADO?**

Não esqueçam de o fazer, certamente  
passará a ser o Vosso vinho preferido.

**DELICIOSO EM AROMA E PALADAR**

Sempre o mesmo tipo e a mesma qualidade de vinho em Branco, Tinto e Abafado.

**“NAMORADO”**

é a marca registada da firma J. A. Pacheco de Olhão — Avenida da República, 202.

A VENDA EM TODOS OS SEUS DEPÓSITOS

**ARRENDAR-SE VENDE-SE**

ARMAZEM grande, próprio para arrecadação e negócio, na Rua de Traz os A'lamos.

Tratar com José António Tavares, Rua Guilherme Gomes Fernandes — Tavira.

CASA com 7 divisões; quintal com uma casa, forno, cisterna e galinheiro.

Sítio das Quatro Estradas em Cacela.

Trata António dos Santos Cotovio — Cacela.]

## RELÓGIOS

A aquisição de relógio que não seja de marca garantida, o prejuízo é total!

Das seguintes marcas, toma-se inteira responsabilidade, não só na qualidade: como no preço, quer tabelado quer não, o que casa alguma pode competir devido aos habituais descontos sobre as condições de compra:

Internacional Watch, Omega, Tissot, Zenith, Cortebert, Amyria, Sergines, Aureos, Cyma, Zoty, Sorral, Zinal, Record, Titus, Longines, Watez, Virgines, Titan, Douglas, Argus, Dogma.

**OURIVESARIA MANSINHO - Tavira**

## MOTO BOMBAS

das reputadas marcas:

### GORMAN RUPP

Midget 1 1/2 " . . . . .	16.000 1/h
Bantam 2 " . . . . .	25.000 1/h
Hacok 2 " . . . . .	38.000 1/h
Eagle 3 " . . . . .	35.000 1/h

### ALCO

1 1/2 H. P. - 1. 1/2" -	14.000 1/h
2 1/2 H. P. - 2. 1/2" -	30.000 1/h

Milhares de bombas em serviço em Portugal.

Grande stock de todos os modelos para entrega imediata.

Agentes Exclusivos

**H. VAULTIER & C.<sup>A</sup>**

Em toda a parte do IMPÉRIO PORTUGUÊS

Empresa de Publicidade Algarve, L.<sup>da</sup>

«Tipografia Povo Algarvio»

Rua Dr. Parreira, 9 — TAVIRA

Executa com a máxima perfeição  
TODOS OS TRABALHOS TIPOGRÁFICOS

A PREÇOS MÓDICOS

**Fábrica de Carimbos**

Aceitam-se encomendas para qualquer parte

**JOP**  
**JOPINHAL**

Vinhos de mesa

**Júlio Sancho**

Médico-Radiologista

ROENTGENDIAGNÓSTICO  
TOMOGRAFIA  
ELECTROTHERAPIA

Mudou o consultório para a  
Rua Castilho, 37

TELEFONE 368 FARO

**ARRENDAM-SE**

NESPEREIRAS com fruto já a amadurecer.

Quem pretender dirija-se a António da Silva Lima — Condição de Tavira.

**PIANO**

Alemão, armado em ferro, em bom estado. Compra-se. Nesta Redacção se informa.

**J. A. Pacheco**

TAVIRA

Fábricas de moagem de  
Farinha espoada e ramas

**PANIFICAÇÃO MECANICA**

Uma maquinaria completa aliada a um escrupuloso fabrico fazem com que os produtos das fábricas

**J. A. PACHECO**

Tenham a consagração do público que os consome.

TELEFONE 13

APARTADO 13

O Melhor Companheiro das Noites de Inverno é um bom receptor de T. S. F.

**RÁDIO DUCRETET-THOMSON**

SÍNTESE MARAVILHOSA DAS TÉCNICAS EUROPEIA E AMERICANA

**APARELHOS DAS MELHORES MARCAS**  
PARA CORRENTE E BATERIAS

**Aerodinamos - Grafonolas**

DISCOS: as últimas novidades  
VENDAS A PRONTO E A PRESTAÇÕES

His Master's Voice,

VENDA E ALUGUER DE

**Aparelhagens Sonoras**



Columbia e Decca

MÚSICA em DISCOS

Colecção completa dos Discos do Filme Português

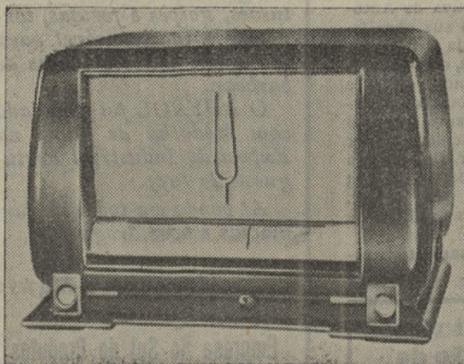
“CANTIGA DA RUA”

por Alberto Ribeiro, Deolinda Rodrigues e Aura Ribeiro

AGÊNCIA:

Rua Dr. Parreira, 13

TAVIRA



Um excelente Thomson modelo D-787